

Política, arte, rua e transformação social: cabem na formação do professor de Biologia?

Mariana Cassab¹

Resumo: A experiência educativa socializada nesse trabalho orbita em torno do desafio de trazer a política e o compromisso com a construção do mundo justo para o centro da formação docente. Para tal, aposta na relação entre as ciências, a política e a divulgação científica. A conjuntura política contemporânea do país e a importância do trabalho desenvolvido pelas universidades públicas foram os conteúdos que deram substância à ação. A expressão artística urbana do lambe-lambe, a linguagem mobilizada na atividade de divulgação científica realizada na rua. O conflito e o tensionamento, os substratos que marcaram o devir do trabalho. Assim, o texto em questão se ocupa em dissertar sobre a atividade 'Mais ciências. Menos cortes', desenvolvida no contexto do curso de licenciatura em Biologia da UFJF, que explora o potencial da divulgação científica na formação política dos educadores.

Palavras chave: formação de professores; divulgação científica; ciência e política; lambe-lambe; linguagem artística.

1 Professora da Faculdade de Educação da UFJF - mariacassab@yahoo.com.br.

Introdução

Esse trabalho se realiza por conta do reconhecimento da importância de se compartilhar, no exercício da formação docente, as experiências formativas produzidas no âmbito das universidades públicas. Em tempos de profundos ataques à essa instituição e à docência, produzir conhecimento acerca dessa complexa tarefa que envolve formar um educador e compartilhar saberes e práticas com pares diversos são tarefas políticas incontornáveis. Antônio Nóvoa (1992) afirma que a profissão docente precisa se dizer e se contar como caminhos fundamentais para compreender toda a sua complexidade humana e científica. Ainda que o autor se refira fundamentalmente aos professores da educação básica, sua afirmação também atinge aos professores pesquisadores que atuam nos cursos de formação docente. Já se vão quinze anos de minha atuação profissional nessa caminhada. Parte desse fazer se dá em meio ao trabalho de escrever sobre os percursos produzidos na docência do ensino superior, em um exercício de avaliação, compreensão e crítica da ação. Escrever e compartilhar com o outro, portanto, é reelaborar e resignificar o vivido. É buscar mover-se pela práxis, como nos afirma Paulo Freire (2018). É produzir memória coletiva sobre uma ação individual e de um campo. Diante desses movimentos que esse texto acontece e se ocupa em compartilhar uma prática curricular desenvolvida junto a turmas da licenciatura em Ciências Biológicas, no contexto de disciplinas que procuram provocar o debate em torno da divulgação científica realizada por espaços não escolares e suas contribuições para pensar a docência nas Ciências e na Biologia.

Como professora do quadro docente da Faculdade de Educação da UFJF tenho assumido desde 2015, até a atualidade, o encargo dos cursos Reflexões II em espaços não escolares e Estágio II. Esses cursos desenrolam-se de forma integrada, buscando através da práxis promover uma experiência formativa provocativa de reflexões acerca dos desafios de se divulgar as ciências fora da escola. Ao se depararem com a pedagogia museal a partir do debate teórico de referenciais do campo e do estágio realizado em instituições dedicadas à educação científica em espaços não escolares (MARANDINO, 2008; 2015), os estudantes são também instigados a refletir sobre a própria forma escolar (VINCENT *et alli*, 2001) no que toca, por exemplo, os processos de seleção, organização e mediação didática dos conteúdos. Isso significa que há a intenção de explorar as potencialidades pedagógicas que espaços voltados à divulgação científica têm a oferecer para a formação docente ao apresentarem vivências em uma cultura singular

distinta da cultura escolar. Ao mesmo tempo promover um afastamento em relação à escola que faça o futuro professor reconhecer as potências e os limites da educação científica que se desenrola nas instituições escolares.

Como se realiza a divulgação e a alfabetização científica em espaços não escolares? Quais são os conteúdos que são mobilizados? Como se articulam os saberes científicos e os saberes do cotidiano? Qual é a natureza do saber próprio produzido nos espaços museais? Quais itens expositivos são empregados nos espaços? Como se caracterizam em termos do uso das linguagens e do tratamento pedagógico e estético? Como se dá o trabalho desenvolvido pelos mediadores? Que tipo de relação se institui entre mediadores-exposição-visitantes? No que o trabalho desenvolvido se diferencia e se aproxima da forma escolar? Essas são algumas das problemáticas que os licenciandos são desafiados no desenrolar dos cursos. Perguntas que são enfrentadas não apenas a partir da leitura teórica e das observações realizadas no campo de estágio, mas inclusive com base nas atividades práticas de divulgação científica que os inscritos nos cursos protagonizam.

Destarte, uma tríade de ação caracteriza a experiência formativa que os futuros professores vivenciam a cada edição dos cursos: (i) a aproximação e reflexão coletiva do debate teórico produzido por pesquisadores diversos interessados na divulgação científica que se realiza em espaços não escolares; (ii) a imersão em instituições concedentes do estágio, como o Centro de Ciências, o Jardim Botânico e o Museu Mariano Procópio e (iii) o seu protagonismo na produção de uma atividade de divulgação científica. O tema gerador de cada atividade desenvolvida é escolhido, a cada semestre, em comum acordo entre os integrantes da turma e a professora responsável. Procura-se considerar na escolha os interesses específicos da turma, das instituições que acolhem os licenciandos no estágio e temas pertinentes no tempo presente que invistam na relação entre Ciências e poder.

Essa narrativa específica busca socializar de forma mais pormenorizada a atividade denominada “Mais Ciências. Menos cortes”. Essa se desenrolou no ano de 2018 e teve como objetivo central promover uma ação de divulgação científica centrada na discussão de como a conjuntura política brasileira atinge o desenvolvimento das ciências no país. O lócus escolhido para a ação foi a rua e para tal utilizamos a linguagem artística urbana do lambe-lambe. Por meio dessa experiência específica procuro caracterizar a importância que a equipe da Faculdade de Educação da UFJF assume no trabalho de sublinhar as relações existente entre as ciências e o poder afim de afirmar, como defende Paulo Freire, a educação como um ato político comprometido com a transformação do mundo. Assim, desestabilizar

compreensões correntes que tendem a identificar a educação científica como o lugar da neutralidade e da verdade e engajar o professor no exercício da educação como prática de liberdade. Nesse movimento, essa produção aponta o quanto esse tipo de itinerário de trabalho, não raramente, produz tensionamentos e conflitos que expõem o desconforto e os desafios que significa sair do plano da discussão específico dos conteúdos da Biologia, identificados estritamente com sua ciência de referência, e arvorar-se mais explicitamente no debate político.

Ciências, política e lambe-lambe: trazer o poder para o centro da formação docente

A população de Juiz de Fora conhece o trabalho desenvolvido pela UFJF? Em que medida os moradores da cidade compreendem a importância das ciências para o desenvolvimento do país? Que tipo de informação o cidadão comum tem acerca da política de investimento nas ciências capitaneada pelo governo federal? Com base nesses questionamentos os licenciandos foram convidados a realizar uma atividade de divulgação científica pelas ruas da cidade, cujo os objetivos principais orbitaram em torno da importância de se valorizar as ciências em um projeto político de soberania nacional, compreender a centralidade do trabalho científico desenvolvido nas universidades públicas, em especial na UFJF, e como os cortes de gastos, do então governo de Michel Temer, afetava negativamente essa área no Brasil. Outra vertente que também foi explorada foi socializar informações sobre o Centro de Ciências que, na cidade de Juiz de Fora e entorno, atua de forma expressiva na divulgação e alfabetização científica.

O método escolhido para a abordagem das temáticas foi a mobilização da linguagem artística do lambe-lambe. O propósito era acionar no contexto da formação docente linguagens que estimulassem a criatividade e o debate político aliado a questões da estética, promover uma ação diferenciada no âmbito da divulgação científica e utilizar o espaço urbano como locus de ação. O lambe-lambe caracteriza-se como uma linguagem da arte urbana contemporânea focada na produção de pôsteres de tamanho variado colado em espaços públicos, que geralmente veiculam imagens e textos curtos, simples e atraentes ao olhar do transeunte. É uma linguagem que não exige um conhecimento técnico e estético complexo e que requer um baixo investimento financeiro. Papel, cola e muita criatividade são ingredientes suficientes que já garantem resultados bastante instigantes tanto para seus autores, como para aqueles que terão contato nas ruas com os lambes.

O primeiro movimento do trabalho foi tornar tal linguagem familiar aos licenciandos. Assim, foram convidadas para uma roda de conversa duas artistas do coletivo “Lambe Mais. Oprime Menos”, atuantes durante o período do impedimento da presidenta Dilma (ver [https:// www.facebook.com/LambeMaisOprimeMenos/](https://www.facebook.com/LambeMaisOprimeMenos/)). Nessa conversa as artistas compartilharam suas experiências em torno da criação do coletivo e dos conteúdos te teor feminista trabalhados nos pôsteres. Dissertaram sobre as ações desenvolvidas nas ruas e seus desafios. Por fim, abordaram aspectos mais técnicos relacionados ao design dos lambe-lambes, à

produção da cola e o trabalho de colagem nos espaços públicos. Outro investimento formativo importante dessa etapa do trabalho foi assistir e debater o vídeo “Cola de farinha” (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=106&v=LPKR2JSsFXM). Este documentário traz entrevistas com alguns dos artistas que compõe a cena artística de rua de São Paulo e registra suas ações de intervenção urbana.

O conjunto dessas atividades buscaram também enfrentar alguns receios que assombravam o grupo. Ainda nessa etapa do trabalho, a intervenção futura na rua já provoca o receio de algum tipo de reação policial ou manifestação popular de desagravo. Na linha do horizonte a rua e seus imponderáveis metia medo. Também era manifesto alguma insegurança em relação a questões técnicas e estéticas relacionadas ao uso da linguagem dos lambe-lambes.

O segundo movimento do trabalho foi investir na problematização, estudo e ampliação do conhecimento relativo aos conteúdos abordados na linguagem lambe-lambe. Para tal, um professor, atuante no sindicato dos professores da UFJF, foi convidado para palestrar em torno da temática “A política de austeridade do governo Temer: um tiro no coração das ciências”. O professor disponibilizou à turma dados históricos e recentes acerca do investimento financeiro destinado às ciências e às universidades através do, então, Ministério das Ciências e Tecnologia e do Ministério da Educação. Destacou suas consequências para o cenário de produção de conhecimento científico no país e para a soberania nacional. Ao lado dessa atividade, os licenciandos engajaram-se em obter informações acerca da importância das pesquisas científicas brasileiras no contexto nacional, e local da UFJF, e dados sobre os cortes de investimento e seus efeitos. Foi feita uma busca ativa de reportagens divulgadas na grande mídia e mídias alternativas, formuladas perguntas para serem encaminhadas à pro-reitoria de pesquisa da universidade e consultados sites das agências de fomento. Tais frentes de ação contribuíram para que os futuros professores fossem impelidos a

aprofundar seu entendimento acerca da relação do trabalho do cientista e as políticas governamentais em um movimento de rejeitar perspectivas ingênuas e positivas que desvencilham a produção científica das questões de poder.

Por fim, se deu o empenho de produção individual e coletiva dos lambe-lambes pela turma. A dinâmica de trabalho adotada foi que cada semana era definida uma temática a ser explorada na produção do pôster. Cada temática atendia os objetivos do projeto e, portanto, tratava: de denunciar as política de cortes do governo federal no que toca às ciências, apresentar exemplos de pesquisas desenvolvidas pela universidade, sublinhar a importância das Ciências brasileira para a soberania nacional, etc. Cada produção individual era avaliada de forma coletiva pela turma e pela professora orientadora a partir da consideração de critérios como: correção conceitual, uso de uma linguagem direta e motivadora, combate a estereótipos em relação às ciências, criatividade no tratamento do conteúdo e da estética do material, entre outros. Ajustes eram realizados caso fossem necessários e só, então, os lambe-lambes eram divulgados. Seguem alguns exemplos da produção realizada.

Imagem 1: Lambe-lambes desenvolvidos pelos alunos de Ciências Biológicas da UFJF.



Um acervo numeroso de exemplares foi produzido ao longo do semestre. Todavia, a turma manteve-se reticente em conquistar a rua com seu trabalho. A proposta inicial era realizar a primeira saída de campo a partir de uma praça de grande circulação no centro da cidade. Mas, apesar dos esforços a turma se manteve refratária ao convite, talvez desanimada pelo momento político extremamente tenso que marcou o impedimento de Dilma Rousseff. Como solução, optamos em realizar uma primeira incursão

no bairro que circunda o campus da UFJF. A turma se dividiu em grupos e percorreu várias ruas do bairro realizando a colagem dos lambes. A atividade transcorreu sem intercorrências. Ainda assim, a maior parte dos licenciandos não fez uma avaliação entusiasta da atividade de rua. Apenas um aluno sentiu-se motivado em realizar outras colagens no bairro de sua residência, conforme planejado inicialmente.

Diante da recusa persistente da turma, cancelou-se outras saídas de rua planejadas e inclusive a realização da exposição final com todos lambes nos corredores da Faculdade de Educação. A estratégia assumida foi disponibilizar as produções na página da rede social Facebook intitulada "Mais Ciências, Menos Cortes" (Disponível em: https://www.facebook.com/Mais-Ci%C3%AAncias-Menos-Cortes-1085071708187907/?epa=SEARCH_BOX). A utilização da rede social foi adotada em vistas do desejo da turma em amplificar a extensão de atingidos pelos lambes físicos expostos de forma provisória no espaço urbano. Além de favorecer o alcance de outros públicos que não apenas os moradores e transeuntes da cidade, trazendo maior visibilidade para o trabalho desenvolvido. O que realmente se deu, quando se constatou que uma produção do grupo foi compartilhada na página do atual presidente da SBPC. Todavia, sem a devida identificação da autoria.

Será o conflito formativo?: uma aposta a partir de uma experiência inovadora de formação

Vivências de experiências formativas diferenciadas no contexto das licenciaturas, que estimulem a criticidade e a criatividade docente, são provocativas e férteis já que enfrentam o desafio de restituir no plano da formação a relação entre conteúdo e política. Cada vez mais os professores de Ciências e Biologias precisam ser arrancadas do terreno seguro e ilusório da neutralidade dos conteúdos e reconhecer que toda educação é política (FREIRE, 2018). É, portanto, um desafio eminente para os cursos de licenciatura apostar na formação de sujeitos sociais capazes de exercer o pensamento crítico, comprometidos com a transformação de nossa sociedade injusta e desigual, inclusive no que diz respeito a distribuição dos conhecimentos científicos. A experiência educativa socializada nesse trabalho orbitou em torno da intenção de se investir na formação política dos futuros professores de Biologia e é indiciária do trabalho em desenvolvimento no contexto das disciplinas citadas que compõem a grade curricular do curso de licenciatura. Procurou-se também com essa atividade questionar o entendimento da população acerca das ciências e o empenho da

universidade pública no desenvolvimento desse saber e de sua socialização junto a toda sociedade.

Familiarizados com os conteúdos que compõem às ciências Biológicas, não foi sem tensionamentos que se deu a tentativa de desviar o foco do conteúdo para o cenário político alarmante pós impedimento da presidenta Dilma Rousseff. O processo de validação dos lambe-lambes não raro se configuraram em momentos de confronto entre visões ingênuas, e equivocadas de ciência e inclusive do debate político. Assim, contrariando a expectativa inicial do trabalho, a adesão da turma a essa proposta de ação inovadora foi conturbada e parcial. Como já pontuado, não foi possível superar completamente o medo que envolvia utilizar a rua como espaço de divulgação científica. Como explicar o desenrolar conflituoso do trabalho? Não foi possível realizar um trabalho coletivo de avaliação. É possível apenas formular alguns conjecturações que se relacionam com o momento político conturbado; os desafios de assumir uma postura mais politizada e provocativa no contexto de um itinerário formativo que não necessariamente estabelece essas relações usualmente; o estranhamento diante de uma proposta de trabalho distante da forma escolar e dos conteúdos estabilizados no contexto da educação em ciências e, por fim, as relações interpessoais estabelecidas entre a professora e os licenciandos.

Certamente o processo e o resultado da ação educativa foram diversos da expectativa inicial da proposta de trabalho. Foi exigente para a minha prática docente como formadora manejar os conflitos e lidar com a frustração diante da distância experienciada entre o planejado e o real vivido. Entretanto, entendo que essas questões ao invés de invalidarem o trabalho desenvolvido, denotam a sua riqueza, pois é no tensionamento, no controvérsio e na explicitação dos conflitos que todos os sujeitos do ato educativo são instigados a sair de suas zonas de conforto, de suas leituras cotidianas de mundo e formas familiares de atuar. Caso a intenção seja contestar a ordem do poder na sociedade capitalista, a política e a formação precisam ser o espaço do conflito explicitado e da evidência das visões divergentes, controversas e antagônicas de mundo. O trabalho acabou sendo um testemunho dessa alegação.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MARANDINO, M (ORG). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf/ FEUSP, 2008.

MARANDINO, M. Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo. **Educação e Pesquisa** - Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 41, p. 695-712, 2015.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

VINCENT, G.; LAHIRE, B. e THIN, D. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, jun/2001